



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6236 - Pôster - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 20 - Sociologia da Educação

RITMISTAS E EDUCADORES: JUVENTUDES E SOCIALIZAÇÃO EM UMA ESCOLA DE SAMBA COMUNITÁRIA DE PORTO ALEGRE-RS

Vitoria Santanna Silva - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Leandro Rogério Pinheiro - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL/FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

Para iniciar este trabalho, foi fundamental observar o espaço da escola de samba como “potência”, e não a partir de narrativas sobre as “ausências”, como, aliás, são usualmente percebidos os territórios onde, muitas vezes, essas agremiações estão inseridas. Não raro, os contextos de periferia, vulnerabilizados socialmente, sofrem os efeitos de ações insuficientes e de um reconhecimento parco por parte do poder público.

As atividades realizadas no carnaval se modificaram sobremaneira ao longo do tempo, e não teríamos como detalhar as mudanças nos limites deste resumo. Cabe registrar que datam dos anos 1920 os primeiros desfiles com fito competitivo. Além disso, foi nos anos 1960 que a expressão carnavalesca de Porto Alegre passou por um processo de “cariocalização”, adotando o formato de escolas de samba concorrentes (CATTANI, 2014). Neste íterim, os locais de realização dos carnavais na cidade foram deslocados entre bairros e centro histórico. De 1989 a 2004, os desfiles ocorreram no centro da cidade, na Avenida Augusto de Carvalho, quando, então, foram transferidos para o extremo norte do município, no Complexo Cultural Porto Seco (DUARTE, 2011).

Nesse contexto, existem as escolas de samba do grupo especial e as escolas do grupo de acesso. De um lado, as que constituem o chamado “grupo especial”, reconhecidas por disporem de mais recursos financeiros, o que possibilita contratação de serviços e até mesmo de componentes; de outro, as escolas de samba comunitárias, caracterizadas pela confecção da maioria dos elementos dos desfiles no próprio território, além de contarem com maior participação dos moradores das localidades onde se constituem. Estas se configuram, então, como espaços de sociabilidade e participação local durante todo processo de preparação e realização do carnaval.

A fim de compreender o espaço da escola de samba desde sua dimensão educadora, optamos por uma aproximação à noção de ‘socialização’. Neste sentido, inspiramo-nos no percurso teórico-metodológico de Bernard Lahire, a partir da sociologia em escala individual, a fim de responder o pesquisa seguinte problema: *como se dá a socialização de jovens ritmistas educadores junto às práticas de uma escola de samba comunitária?*

A socialização seria fruto das práticas do ator social, inserido em contextos e redes de

interdependências. Lahire (2002) parte de uma concepção de que as ações do indivíduo se dão em meio a uma pluralidade de vivências, configuradas desde diferentes princípios socializadores, agentes e espaços de atuação. Em apropriação crítica da abordagem disposicionalista de Pierre Bourdieu, Lahire considera que, ao se afirmar a unicidade do *habitus*, não se estaria levando em consideração os possíveis desajustes entre os diversos *loci* de socialização aos quais um mesmo agente está vinculado. Esses exigem que os atores se confrontem cada vez mais com situações heterogêneas e, às vezes, até contraditórias, ao que se somam, ainda, as diferenciações diacrônicas dos contextos, de forma que a relação entre passado incorporado e presente da ação também pode indiciar tensionamentos na incorporação e mobilização de disposições para agir/crer.

Sendo assim, o ator não tomaria posições de modo necessariamente coerente e unitário, dependendo das condições de ativação e/ou inibição das disposições contextuais ao logo do tempo. Daí a necessidade de uma investigação detida sobre as trajetórias individuais, destacando-se a pluralidade de contextos e práticas regulares e duradouros, assim como uma atenção aos modos de agir ativados pelos indivíduos em suas experiências, para identificação de inclinações para ação incorporadas (LAHIRE, 2004).

Considerando, assim, a pertinência da análise microsociológica para a pesquisa em tela, com vistas a compreender parte da complexidade da realidade em que jovens ritmistas estão inseridos, nosso trabalho será desenvolvido a partir dos sujeitos, em atenção a seus cotidianos e seus itinerários. O estudo pretende se debruçar sobre os percursos individuais articulados às práticas nas escolas de samba, pelo que buscaremos identificar alguns dos ‘traços disposicionais’ que são adquiridos a partir de tais pertenças. Para isso precisaremos ir ao cotidiano da escola de samba, observar as rotinas a que estão vinculados os ritmistas, assim como entrevistá-los acerca dos principais contextos de ação e socialização de quem vem participando.

Para tanto, acessamos a escola Academia de Samba Puro, escola de samba comunitária, localizada no Morro da Maria da Conceição, no bairro Partenon, em Porto Alegre/RS. A Escola está sediada junto da Pequena Casa da Criança, uma instituição não governamental, filantrópica, educacional e assistencial. A localidade começou a ser povoada em 1940, em articulação ao processo de urbanização, periferação e exclusão social de Porto Alegre.

Nesse cenário, os sujeitos da pesquisa serão os jovens que, ritmistas na escola de samba, aprenderam com os mais velhos e, hoje, ensinam os mais novos na bateria mirim. A escolha destes se deve à importância da bateria para a estrutura da escola de samba, às características da prática, via de regra permeada por responsabilidade, disciplina e pertença, e pela integração à atividade educativa (ainda que informal). Ademais, como educador, o jovem atua desde o que aprendeu na experiência e, segundo entendemos, é personagem privilegiado para falar da relação com as práticas que perfazem sua trajetória.

Dado que a pesquisa está na fase final de elaboração do projeto, o que apresentaremos nas discussões que seguem são uma sistematização preliminar, baseada no estado da questão realizado até o momento e, também, na análise de entrevista exploratória realizada com um jovem atuante na escola Academia Samba Puro.

O levantamento bibliográfico foi delimitado à relação entre socialização e juventudes nas escolas de samba. Dentre os 232 trabalhos encontrados no Portal da CAPES e Portal Scielo, foram selecionados 31 sendo possível analisar 23 até a escrita deste resumo. A maioria foi encontrada nas áreas de antropologia, sociologia, educação e música e nos remete a contextos socialmente vulnerabilizados, com índices de violência elevados. Foi possível identificar como as ações estudadas integravam aprendizagens relativas a empoderamento e

pertencimento étnico-racial, a relações de sociabilidade e à aprendizagem musical e artística.

É o caso do trabalho de Luciana Prass (1998), que efetuou sua investigação na Escola de Samba Bambas da Orgia, junto à bateria e seus ritmistas. Prass (1998) afirma que “o aprendizado dos ritmistas das escolas de samba era construído oralmente” (p. 177). Haveria aprendizagem teórica dirigida aos arranjos, mas, em geral, os jovens aprenderiam na ação; “tudo mais feito”, como o jovem relata em entrevista, “de falar com a boca”, ao contrário da escola formal, onde “tem prova teórica, dão folha pra ti escrever”.

Segundo a autora, não seriam necessárias somente habilidades técnicas. Trata-se de um processo de socialização na cultura do carnaval, na tradição e na identidade sonora da bateria daquela que é tida como “escola do coração”. Neste sentido, o aprendizado efetivado nesses espaços requer do jovem uma socialização de ordem técnica associada a inscrições morais e identitárias (PRASS, 1998).

Eu comecei na escola... desde muito pequeno. Só que em ala assim, dançando sabe, por incentivo da minha mãe e dos meus tios, porque na Samba Puro eu “tô” assim desde bebê, assim, saindo ali. (João, março de 2020.)

Passando à entrevista exploratória, há elementos a articular ao mencionado acima. Nosso interlocutor passou a ritmista da bateria aos 12 anos de idade, e, depois, foi mestre dos repiniques. Sua participação na bateria foi sendo mais presente até se tornar o educador-ritmista das crianças que estão iniciando na bateria mirim:

Mas o carnaval também ajuda muito possibilidades do cara ser melhor. Te livra também de muita coisa, porque... ah, sei lá, como assim, a gente mora aqui no morro sabe, sabe que a única coisa boa que tem aqui no morro... só que a é a samba puro. A única coisa boa, porque tem nada demais nem time de futebol tem aqui no morro sabe mais... e daí eu acho que sei lá, querendo ou não a única coisa que te livra de ir pro tráfico, sabe... que é o colégio ou, se não, a Samba Puro.

Assim como Santos (2016) traz em sua pesquisa, observamos que a relação com a escola de samba é perpassada por uma relação tensa com o território, dado que significa a primeira em articulação com a insuficiência de espaços de sociabilidade e a existência de situações de risco no segundo. Antes disso, contudo, cabe aventar a hipótese de que as ações junto ao samba se dão em rede de interdependência que integra familiares e membros da agremiação. Então, a prática carnavalesca é parte de um investimento familiar nem sempre planejado, e cujos resultados individuais podem reforçar a necessidade do vínculo. **Silva (201)** menciona que as aprendizagens musicais podem gerar uma experiência (mesmo que passageira) de ruptura de “barreiras” e de destaque pessoal, fazendo com que os jovens transitem, sem explicitação severa de preconceitos ou estigmas, em ambientes sociais diversos.

Eu fiquei lá [México] sete dias; o *workshop* foi na Vila Hermosa. Daí, a gente ia num... num auditório sabe. Daí, eu acho que tinha umas 100 pessoas, e a gente foi lá, passou alguns ritmos pra eles sabe, e foi indo... tirando dúvidas.

O resumo apresenta, enfim, um esforço inicial de sistematização, visando contribuições para a realização da pesquisa. Podemos depreender que a participação na escola de samba possui imbricação com a socialização familiar e a experiência do território, além de propiciar pertença e projeções individuais, que podem mobilizar o ator social a participações que extrapolam os limites interpostos por situações de precariedade e estigmatização. Contudo, há que se aprofundar a análise das disposições em jogo, conforme conhecermos as efetivas práticas dos jovens como ritmistas e educadores.

Eu gosto de... ensinar com as crianças, só que até com os adultos, eu gosto muito, muito mesmo de ensinar e também de aprender com eles sabe, porque, sei lá, quando a gente ensina, a gente acaba aprendendo bem mais, sabe.

Palavras-chave: Juventudes. Socialização. Educação. Escola de samba. Periferia.

REFERÊNCIAS

CATTANI, Helena C. **G.R.E.S. Porto Alegre: o processo de cariocalização do carnaval de Porto Alegre (1962-1973)**. Porto Alegre: UFRGS, dissertação, 2014.

DUARTE, Ulisses C. **O carnaval espetáculo no sul do Brasil: uma etnografia da cultura carnavalesca nas construções das identidades e nas transformações da festa em Porto Alegre e Uruguaiana**. Porto Alegre: UFRGS, dissertação, 2011.

LAHIRE, B. **Retratos sociológicos: disposições e variações intra individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAHIRE, Bernard. **O homem plural: os determinantes da ação**. Petrópolis: Vozes, 2002.

PRASS, Luciana. **Saberes Musicais em uma Bateria de Escola de Samba**. Porto Alegre: UFRGS, dissertação, 1998.

SANTOS, Eduardo S. **Aprendendo com o samba: vivências educacionais de jovens sambistas**. Rio de Janeiro: UFRJ, dissertação, 2016.

SILVA, LUCIANA B. **“O samba é meu dom”: marcas no convívio de jovens de uma comunidade de baixa renda com classes sociais distintas**. Rio de Janeiro: PUCRJ, dissertação, 2015.